

## RETENÇÃO DE PLACENTA EM VACAS: REVISÃO LITERÁRIA

João Vitor Lobato Costa<sup>1\*</sup>, Davi Almeida Rezende Moraes<sup>1</sup>, Gian Carlos de Oliveira<sup>1</sup>, Lucas de Souza Oliveira<sup>1</sup> e Leonardo Costa Tavares Coelho<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Discente no Curso de Medicina Veterinária – Una – Bom Despacho/MG – Brasil - \*Contato: joao.vitor.lobato12@outlook.com.br

<sup>2</sup>Docente do Curso de Medicina Veterinária – Una – Bom Despacho/MG – Brasil

### INTRODUÇÃO

Entende-se por retenção de placenta (RP) a falha na separação das vilosidades da placenta fetal (cotilédones) com as criptas maternas (carúnculas) nas primeiras 12 horas após o parto, fazendo com que não haja a expulsão das membranas fetais<sup>3, 5 e 9</sup>. A não expulsão da placenta também está relacionada a falha mecânica, ou seja, atonia uterina<sup>3, 5 e 9</sup>. Esta patologia apresenta etiologia multifatorial, podendo ser associada a abortamentos, partos distócicos, intervenções obstétricas, deficiência imunológica, deficiência nutricional, entre outros<sup>1, 3 e 7</sup>. Se desenvolvida, pode afetar tanto a eficiência reprodutiva quanto a produção de leite do animal. Seus efeitos nos processos fisiológicos da vaca refletem em grandes impactos econômicos para a propriedade<sup>8</sup>. A manifestação desta patologia pode resultar no aumento do intervalo de parto/concepção, custos com veterinários, tratamentos e aumento da taxa de descarte<sup>10</sup>. Essa revisão de literatura foi desenvolvida com o intuito de apresentar diferentes etiologias da RP, prejuízos que a mesma pode levar as propriedades e variadas formas de tratamento que são aderidas pelos profissionais.

### METODOLOGIA

Para a elaboração dessa revisão bibliográfica, foram utilizados artigos retirados de revistas científicas, sites de busca (Google Acadêmico), entre outros. Foram utilizados artigos recentes e consagrados, revisões e relatos já conhecidos no meio acadêmico. Como destaque: PUBVET, Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, *Acta Scientiae Veterinariae* e o artigo *The Metritis Complex in Cattle* (O Complexo Metrite em Gado), do professor Iain Martins Sheldon.

### RESUMO DE TEMA

A RP é uma patologia que se caracteriza pela falha na expulsão das membranas fetais<sup>2</sup>. Nas fêmeas bovinas, a placenta deve ser expelida de 8 a 12 horas pós-parto<sup>2</sup>. A RP está diretamente ligada a estação do ano, visto que o estresse térmico pode elevar o nível de cortisol, interferindo na maturação dos placentomas<sup>4</sup>. Esta patologia pode levar a propriedade a sofrer com graves prejuízos econômicos. Isso pode ser comprovado por Nobre et al. (2018), que avaliaram o banco de dados de uma fazenda em Minas Gerais que possuía 900 animais lactantes<sup>8</sup>. Foi avaliado o período que compreendia de janeiro de 2008 a março de 2010 e foi constatado um prejuízo de US\$8.878<sup>8</sup>. Este valor foi gerado pelos custos dos tratamentos, do aumento do período de serviço e o aumento do número de doses de sêmen por gestação<sup>8</sup>. Desarranjos nutricionais podem aumentar a incidência de RP, visto que pode ocorrer uma alteração na relação Ca: P<sup>2</sup>. Assim, animais que desenvolvem patologias do período de transição (hipocalcemia, cetose, entre outros) possuem uma maior probabilidade de sofrerem com retenção das membranas fetais, ou seja, são considerados grupos de risco<sup>6</sup>. Aproximadamente 66% dos casos de RP acontecem devido a falhas dos mecanismos de maturação dos placentomas<sup>1</sup>. Contudo, são relatados casos de retenção dos anexos fetais devido à dificuldade de desprendimento dessas estruturas<sup>1</sup>. Sabe-se que os neutrófilos e os linfócitos são responsáveis por essa maturação. Em uma ocorrência de retenção placentária, essas células se encontrarão em baixas quantidades<sup>1</sup>. Além disso, essas células podem apresentar falhas quimiotáticas, ao qual não farão o recrutamento dos leucócitos, fazendo com que não haja a resposta inflamatória esperada para a expulsão da placenta<sup>1</sup>. Esta deficiência do sistema imunológico, além de levar o animal a sofrer com retenção placentária, pode também desencadear outras patologias, visto que, devido a diminuição e falhas nos seus funcionamentos, suas células encontrarão dificuldades em combater os processos infecciosos uterinos<sup>1</sup>. Com isso, 25 a 50% dos animais que sofrem com retenção placentária podem desenvolver metrite puerperal, o que agrava o quadro clínico do animal<sup>11</sup>. Buso et al. (2018) realizaram um experimento correlacionando

a prevalência e a relação entre a RP e a endometrite subclínica (ES) com o desempenho reprodutivo de vacas leiteiras mestiças<sup>3</sup>. O experimento foi realizado em nove fazendas localizadas no triângulo mineiro. O período de coleta de dados foi de novembro de 2013 a outubro de 2014. Nesse período ocorreram 462 partos de vacas girolando, com composição genética variando entre 1/2 a 7/8 HOLxGIR<sup>3</sup>. Vacas que tiveram partos distócicos apresentaram uma maior prevalência de RP<sup>3</sup>. O desempenho reprodutivo foi comprometido pela ocorrência da mesma<sup>3</sup>. A taxa de descarte de vacas que apresentaram RP foi de 19,4%<sup>3</sup>. Além disso o período de serviço desses animais foi prolongado cerca de 46 dias em relação ao período de serviço das vacas saudáveis<sup>3</sup>. Houve uma influência negativa sobre o número de inseminações artificiais por concepção, pois vacas com RP precisam ser inseminadas mais vezes<sup>3</sup>. Assim concluíram que a ocorrência de RP pode aumentar a prevalência da ES e que partos os distócicos aumentaram a incidência de RP<sup>3</sup>. O tratamento para a patologia é controverso<sup>4</sup>. Apesar de ainda se usar o tracionamento da placenta, essa técnica não é correta, pois sua não expulsão pode estar ocorrendo em decorrência da falha na maturação dos placentomas<sup>4</sup>. A utilização de antibióticos pode reduzir consideravelmente a incidência de infecções uterinas causadas pela RP<sup>4</sup>. Para alguns autores, a utilização de análogos da prostaglandina F2 alfa (PGF2 $\alpha$ ) no pós-parto poderia agilizar o processo de involução e reduzir a incidência de infecções uterinas, ajudando no processo de expulsão do restante dos anexos fetais<sup>4</sup>. Para comprovar essas teses, Fernandes et al. (2012) realizaram um experimento que compreendia 769 vacas gestantes de diferentes propriedades localizadas ao sul de Minas Gerais e ao norte de São Paulo<sup>4</sup>. O experimento teve uma duração de 15 meses e os animais considerados com RP foram aqueles que não conseguiram expulsar os anexos em até 16 horas pós-parto<sup>4</sup>. Os animais foram divididos em dois grupos<sup>4</sup>. O tratamento utilizado no grupo 1 foi apenas cloridrato de oxitetraciclina 20mg/ kg (IM) em dose única<sup>4</sup>. O segundo grupo, além de receber cloridrato de oxitetraciclina, também recebeu cloprostenol sódico, por via IM, 0,50 mg/ dose, em duas doses<sup>4</sup>. A primeira dose no dia da oxitetraciclina e a segunda 48 horas depois<sup>4</sup>. Dos 769 animais selecionados para o experimento, 15,7% (121) sofreram com RP<sup>4</sup>. Dentre os aspectos produtivos, sanitários e reprodutivos analisados, constatou-se que os animais submetidos ao tratamento com cloridrato de oxitetraciclina e cloprostenol sódico tiveram menor incidência de infecções uterinas, conseguiram ter uma involução uterina mais rápida e conseguiram voltar a produção com maior rapidez, ou seja, foram encontrados corpos lúteos com maior frequência nesses animais<sup>4</sup>.

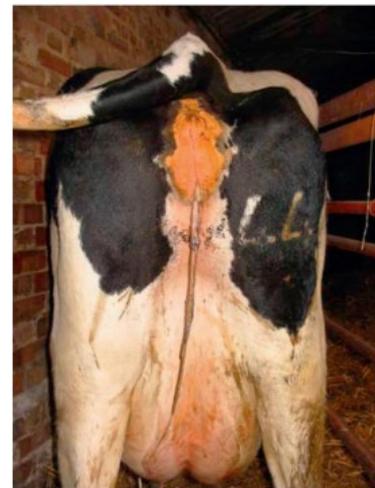
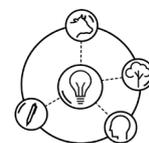


Figura 1: Animal apresentando retenção dos anexos fetais. (Fonte: Sheldon 2019)



## IX Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Não restam dúvidas de que a RP é uma patologia que afeta várias propriedades brasileiras trazendo graves prejuízos econômicos, produtivos e reprodutivos. Por ser diretamente relacionado ao estresse térmico do animal, conclui-se que o período chuvoso leva a uma maior incidência de casos. O tratamento, apesar de controverso, deve ser feito. A utilização de antimicrobianos associados a análogos da PGF2 $\alpha$  auxiliarão diretamente na expulsão dos anexos fetais e ajudarão na prevenção de possíveis infecções decorrentes da RP, como metrite e endometrite. É de total responsabilidade do proprietário, ou do responsável técnico pela propriedade, observar os animais e identificar aqueles que não conseguiram expulsar a placenta em até 12 horas pós-parto, para, em seguida, contactar um profissional. Importante lembrar que nunca se deve tracionar a placenta, pois não é de conhecimento que sua não expulsão seja decorrente a falhas mecânicas ou a falhas de maturação. A avaliação e o tratamento devem ser realizados por um profissional para também desenvolver um protocolo adequado para a prevenção da patologia.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

1. ALMEIDA, Í. C. de. et al. Aspectos relacionados a retenção de placenta em vacas. **PUBVET** v.13, n.1, a251, p.1-7, Jan., 2019.
2. ANGRIMANI, D. de. S. R., et al. RETENÇÃO DE PLACENTA EM VACAS E ÉGUAS: REVISÃO DE LITERATURA. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE MEDICINA VETERINÁRIA** – ISSN: 1679-7353. Ano IX – Número 16 – Janeiro de 2011 – Periódicos Semestral.
3. BUSO, R. R. et al. Retenção de placenta e endometrite subclínica: prevalência e relação com o desempenho reprodutivo de vacas leiteiras mestiças. **Pesq. Vet. Bras.** 38(1):1-5, janeiro 2018.
4. FERNANDES, C. A. de C. et al. Associação entre oxitetraciclina e cloprostenol no tratamento de vacas leiteiras com retenção de placenta. **R. bras. Ci. Vet.**, v. 19, n. 3, p. 178-182, set./dez. 2012.
5. GONÇALVES, R. S. et al. Fatores de risco associados à retenção de placenta em vacas holandesas. **Acta Scientiae Veterinariae**, 2019. 47: 1651.
6. HECK, C. F. et al. INFLUÊNCIA DA DIETA PRÉ-PARTO NA OCORRÊNCIA DE HIPOCALCEMIA E RETENÇÃO DE PLACENTA EM VACAS LEITEIRAS. **Salão do conhecimento** – UNIJUÍ 2016.
7. NOBRE, M. M. et al. Avaliação da incidência e fatores de risco da retenção de placenta em vacas mestiças leiteiras. **Arq. Bras. Med. Vet. Zootec.**, v.64, n.1, p.101-107, 2012.
8. NOBRE, M. M. et al. Impacto econômico da retenção de placenta em vacas leiteiras. **Pesq. Vet. Bras.** Março 2018.
9. PARMEGGIANI, E. B. et al. CONSEQUÊNCIAS DA RETENÇÃO DE PLACENTA EM VACA JERSEY. **Salão do conhecimento** – UNIJUÍ 2015.
10. REZENDE, E. V. de. et al. Incidência da retenção de placenta e as consequências na produção de leite e na eficiência reprodutiva de vacas holandesas. **Acta Scientiae Veterinariae**, 2013. 41: 1170.
11. SHELDON, Iain. (2019). **The Metritis Complex in Cattle**. 10. 1016/B978-0-7020-7233-8.00023-9.